



Corpo-material (*Körper*) e Corpo-vivido (*Leib*): uma análise do adoecimento a partir da filosofia de Martin Heidegger¹

Caroline Vasconcelos Ribeiro², José Isaac Costa Júnior³

Resumo: Durante os seminários que ministrou em Zollikon, Martin Heidegger indicou à sua plateia, composta de médicos, que eles foram ensinados a ver o corpo humano apenas como um corpo material (*Körper*), perdendo de vista sua dimensão existencial. O filósofo indicou que a corporeidade humana deve ser compreendida levando em conta a experiência existencial do corpo vivido (*Leib*), o que inclui a sua saúde e o seu adoecimento. Nesse trabalho, abordaremos os pontos centrais da compreensão heideggeriana sobre o corpo, e em seguida apresentaremos implicações dessa perspectiva para uma análise do adoecimento humano.

Palavras-chave: Adoecimento. Corpo vivido. Corpo material. Existencial. Saúde.

Material-body (*Körper*) and Lived-body (*Leib*): an analysis of illness from the philosophy of Martin Heidegger.

Abstract: During the seminars he gave in Zollikon, Martin Heidegger indicated to his audience, made up of doctors, that they were taught to see the human body only as a material body (*Körper*), losing sight of its existential dimension. The philosopher indicated that human corporeity must be understood taking into account the existential experience of the lived body (*Leib*), which includes its health and illness. In this work, we will approach the central points of the heideggerian understanding about the body, and then we will present implications of this perspective for an analysis of human illness.

Keywords: Illness. Lived body. Material body. Existential. Health.

Introdução

Durante os seminários que ministrou em Zollikon entre 1959 e 1969, Martin Heidegger (2009) criticou na medicina ocidental a herança de uma concepção reducionista do corpo humano, indicando à sua plateia, composta de médicos, que eles foram ensinados a ver o corpo humano apenas como um corpo material (*Körper*). Ao abordar fenomenologicamente o problema do corpo (*Leibproblem*), Heidegger (2009)

¹ Esse resumo refere-se a uma pesquisa financiada pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB).

² Professora Titular do Departamento de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual do Sudoeste Bahia (UESB) e Orientadora da Pesquisa; e-mail: caroline.ribeiro@uesb.edu.br.

³ Graduando em Filosofia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) e pesquisador do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC/UESB) da referida instituição; e-mail: zej.013@gmail.com.

indicou que este deve ser compreendido levando em conta a experiência existencial de corpo vivido (*Leib*). A maneira como se compreende a corporeidade condiciona o que se entende por saúde e adoecimento, e há contemporaneamente teorias da enfermidade influenciadas pela filosofia de Heidegger, como os trabalhos de James Aho e Kevin Aho (2008), Nogueira (2007) e Reis (2016; 2020). Nesse trabalho, apresentaremos alguns dos pontos fundamentais dessa discussão. Num primeiro momento, apresentaremos a interpretação heideggeriana a respeito da corporeidade humana, através da diferenciação entre os conceitos de corpo vivido e corpo material; em seguida, apresentaremos implicações dessa concepção de corpo para pensar a experiência humana de adoecimento. Indicaremos que não devemos pensar a enfermidade apenas em seus aspectos anatomofisiológicos, mas, sobretudo, como algo que desterra e lança no estranhamento o ser-no-mundo corporificado. Em outros termos, indicaremos o quanto a concepção material de corpo (*Körper*) não abarca os aspectos existenciais envolvidos no adoecer humano.

Materiais e métodos

Nossa pesquisa é de natureza filosófica e bibliográfica, constituindo-se em um processo que envolve a busca, a leitura, a tradução, o fichamento e o resumo dos principais pontos levantados em textos de autores relacionados a esse campo, assim como a reflexão e a problematização do mesmo. Tivemos como fonte primária fundamental as obras *Ser e Tempo* (2015) e *Seminários de Zollikon* (2009), de Martin Heidegger. Além disso recorreremos a fontes secundárias como as obras: “La verdade del cuerpo – Heidegger y la ambigüidad de lo corporal” (2020), de Ángel Xolocotzi Yáñez; “Embodiment and Animality” (2018), de Cristian Ciocan; “Body Matters” (2008), de Kevin Aho e James Aho; “A saúde da Physis e a saúde do *Dasein* em Heidegger” (2007), de Roberto Passos Nogueira; “Heidegger’s neglect of the body” (2009), de Kevin Aho; e “A abordagem fenomenológico-existencial da enfermidade: uma revisão” (2016) e “Fenomenologia hermenêutica e as noções de confiança e memória corporal na descrição da experiência da enfermidade” (2020), de Robson Ramos dos Reis.

Resultados e discussão

Heidegger (2009; 2015) se opõe a uma concepção substancialista e objetificante sobre o ser humano e sua corporeidade, apontando que o corpo humano pode ser considerado enquanto uma coisa material, mas não deve ser reduzido a isso, pois é vivido. O filósofo distingue conceitualmente o modo de ser do corpo humano pelos termos corpo material e corpo vivido. O primeiro indica o corpo em sua fisicalidade objetificável e mensurável; o segundo, sua dimensão existencial enquanto condição ontológica da maneira pela qual os seres humanos se abrem compreensiva e afetivamente ao mundo. Para Yáñez (2020), essa ambigüidade é inerente à perspectiva existencial do corpo.

Nesse sentido, Heidegger (2009) aponta que o *Dasein* – termo utilizado pelo filósofo para referir-se ao ser humano – abre e concretiza possibilidades através do corporar do corpo e Yáñez (2020) destaca que mesmo a linguagem é um fenômeno corporal. Como Aho (2009) pontua, o corpo tem um “conhecimento tácito” e pré-reflexivo do seu lugar no mundo, fundamentado na familiaridade do *Dasein* com o mundo que o circunda. Reis (2020, p. 110) investiga fenomenologicamente um tipo propriamente

corporal de memória, baseado na estrutura do corpo vivido, e explica que a memória corporal perfaz o “tecido conectivo da intencionalidade corporal”, sendo condicionante da identidade pessoal e mediadora entre o corpo próprio e a história cultural.

Segundo Ciocan (2018), Heidegger vê uma diferença abismal de essência entre a corporeidade humana e a animalidade. O autor argumenta que mesmo que um animal veja o que chamamos de pintura, por exemplo, ele não pode *olhar para* ela como uma obra de arte, e a diferença entre ver e olhar se baseia na peculiaridade da corporeidade humana, que é afetiva e compreensiva. Kevin Aho e James Aho (2008) destacam que o corpo vivido e as diversas nuances de sua saúde também se constituem histórica e socialmente.

Partindo dessa compreensão da corporeidade humana, investigamos teorias fenomenológicas da enfermidade influenciadas pela filosofia de Heidegger, como os trabalhos anteriormente citados de James Aho e Kevin Aho (2008), Nogueira (2007) e Reis (2016; 2020). Tais abordagens distanciam-se da perspectiva biomédica por recusarem a redução do corpo e da saúde humana a termos biológicos e anatômicos, encarando esses fenômenos pelo viés ontológico-existencial (REIS, 2016). Em uma perspectiva existencial, o adoecimento humano é encarado como uma ruptura que afeta todos os aspectos determinantes do corpo vivido, inclusive a temporalidade e a espacialidade existenciais (REIS, 2016).

No adoecer, especialmente em casos crônicos, a corporeidade vivida e familiar que orientava pré-reflexivamente o agir cotidiano do *Dasein* é modificada, tornando-se não apenas presente, mas incômoda (AHO; AHO, 2008; REIS, 2016). Como aponta Reis (2016), a enfermidade desvela o desterro e a infamiliaridade. Para Nogueira (2007), a saúde pode ser compreendida como a potencialidade de ser do *Dasein*, e o fenômeno do adoecimento enquanto seu modo privativo, uma ruptura do seu horizonte de possibilidades. No adoecer há mais em jogo do que o estado fisiológico de um corpo material (*Körper*).

Conclusão

A pesquisa em comento contribuiu para pensar o corpo e o adoecimento humanos por uma via que leve em conta seus aspectos existenciais. Com isso, o fenômeno da enfermidade foi considerado como uma ruptura na familiaridade do corpo vivido, instaurando uma estranheza em relação ao corpo material. A saúde e a enfermidade são fenômenos humanos e não redutíveis aos seus aspectos anatomofisiológicos.

Referências

1. AHO, Kevin. **Heidegger's neglect of the body**. New York: Sunnypress, 2009.
2. AHO, James; AHO, Kevin. **Body matters: a phenomenology of sickness, disease, and illness**. United Kingdom: Lexington Books, 2008.
3. CIOCAN, Cristian. **Embodiment and Animality**. The Journal of the British Society fo Phenomenology, 2018.

4. HEIDEGGER, Martin. **Seminários de Zollikon**: protocolos, diálogos, cartas. Trad. Gabriella Arnhold, Maria de Fátima de Almeida Prado. São Paulo: Escuta, 2009.
5. HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. Tradução revisada e apresentação de Márcia de Sá Cavalcante; posfácio de Emmanuel Carneiro Leão. 10ª ed. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editoria Universitária São Francisco, 2015.
6. NOGUEIRA, Roberto Passos. A saúde da Physis e a saúde do Dasein em Heidegger. **Physis**: Revista Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, v. 17, n. 3, p.429-450, 2007.
7. REIS, Róbson Ramos dos. A abordagem fenomenológico-existencial da enfermidade: uma revisão. **Nat. hum.**, São Paulo , v.18, n.1, p. 122-143, 2016.
8. REIS, Robson Ramos dos. **Fenomenologia hermenêutica e as noções de confiança e memória corporal na descrição da experiência da enfermidade**. Prometheus: Journal of Philosophy, n. 33, pp. 101-128, mai./ago. 2020.
9. YÁÑEZ, Ángel Xolocotzi. **La verdade del cuerpo. Heidegger y la ambigüedad de lo corporal**. Estudios de Filosofía, n. 61, pp. 125-144, jan./jun 2020.